



GENÉTICA | OVINOS DE CARNE

SUFFOLK LINHA TRABALHO CARNE E RUSTICIDADE

Em setembro passado, a Ruminantes conversou com dois criadores portugueses que apostam na linha francesa da Suffolk. David Catita e Nuno Forca revelam o que os levou a escolher esta variante da raça, e de que forma acreditam que a raça pode valorizar a produção nacional de carne. **Por RUMINANTES | Fotos FG**



A raça Suffolk apresenta diferentes aparências no mundo, resultantes da interação entre determinados indivíduos e os respetivos ambientes, bem como da seleção diferenciada aplicada nos cruzamentos. A sua origem vem de duas raças distintas, ambas com aspetos muito valorizados: a raça Norfolk pela rusticidade e qualidade da carne e a raça Southdown pelo crescimento e precocidade. No final do

século XVIII, foi considerada uma raça autónoma, com fenótipo próprio. Na fase inicial, este fenótipo era diferente do dos animais criados atualmente no Reino Unido e na Irlanda. Os animais tinham uma estrutura óssea mais ligeira e cabeças e orelhas mais pequenas. Logo nesta fase, e graças à influência global que o Reino Unido tinha em muitas latitudes do mundo, a raça Suffolk iniciou a sua dispersão. O primeiro destino na Europa Continental foi a França, onde a

raça se estabeleceu e mantém até hoje um fenótipo distinto. Esta variante, conhecida como linha francesa, ou linha trabalho nos concursos Suffolk, é também criada por alguns produtores em Portugal.

Em setembro passado, a Ruminantes entrevistou dois criadores desta linha, nas suas explorações no Alentejo: David Catita, Herdade Fonte Corcho, em Serpa, e Nuno Forca, Herdade Monte Forca, em Almodovar.



DAVID CATITA
PRODUTOR, HERDADE FONTE
CORCHO, SERPA

Como começou a sua trajetória com ovinos e, mais especificamente, com a raça Suffolk?

A minha exploração agrícola tem uma apetência clara para gado, uma vez que se localiza numa zona de montado, relativamente ondulada, à entrada da serra de Serpa. Historicamente, o meu avô, Florentino Catita, tinha bovinos, ovinos e suínos, que alternavam em diferentes explorações, sempre acompanhados de pastores, num tempo em que as cercas eram raras. Com a evolução da exploração na minha mão e a escassez de pastores, foram sendo criadas cercas e a exploração pecuária foi sendo simplificada, tendo a escolha recaído na criação de reprodutores Limousine, de fácil manejo e muito autónomos. Contudo, numa exploração agrícola há sempre cercas mais pequenas, ou com árvores mais jovens, onde a

presença de bovinos não é tão adequada, o que me levou a iniciar a produção de reprodutores Suffolk, uma raça pouco divulgada em Portugal, mas uma das mais prestigiadas no mundo pela qualidade da sua carne, sem sabor a borregum.

O que motivou a escolha da linha francesa, em vez da inglesa ou de outras raças?

A raça Suffolk tem uma longa história no mundo e, em resultado da sua qualidade genética, tem sido adaptada aos diferentes continentes de forma distinta. O fenótipo inicial da raça Suffolk correspondia a uma ovelha fina e elegante, com paralelismo ao seu ascendente escocês, a raça Norfolk, que era um animal de montanha, muito ágil e funcional, caçado ancestralmente pela qualidade da sua carne. Quando a raça Suffolk iniciou a sua dispersão pelo mundo, foi este fenótipo que colonizou os diferentes territórios ovinícolas, desde a Europa continental, à América, África e Oceânia. Nestes locais,

o fenótipo manteve-se ou evoluiu para um ovino fino, mas mais alto. No Reino Unido observou-se, contudo, uma evolução noutra direção, mais alinhada com o outro ancestral da raça, a linha Southdown. Neste caso, trata-se de animais mais corpulentos, com grande precocidade e rendimento de carcaça, evoluindo a raça Suffolk para animais alinhados com estas características, com esqueletos mais robustos, cabeça mais volumosa e orelhas mais longas, um pouco mais exigente em termos de conforto. Esta linha em Portugal é denominada linha Pedigree.

A minha exploração, no interior do Baixo Alentejo, por ser uma zona bastante rústica e difícil, exige animais com elevada rusticidade, como aconteceu com a primeira escolha dos Limousine e, em simultâneo, bastante autónomos em termos de parições, o que levou também à escolha da linha Suffolk trabalho, conhecida coloquialmente como linha francesa.

Da sua experiência, quais são as principais diferenças do Suffolk francês em relação a outras linhas?

A grande diferença da linha trabalho (francesa) em relação a outras linhas Suffolk é a rusticidade, já que tem como base a linha original Suffolk, muito rústica. Esta rusticidade manifesta-se na minha exploração agrícola por 100% de partos sem ajuda, partições no campo e boa capacidade de percorrer as terras do montado.

Para o melhoramento da produção dos rebanhos autóctones, temos de ter carneiros melhoradores que consigam acompanhar o andamento tradicional, onde a linha de trabalho está completamente adaptada, como diz o nome (feitos para trabalhar).

O maior porte e a rusticidade fazem realmente diferença no dia-a-dia do manejo?

A raça Suffolk em linha trabalho (francesa) que produz tem um manejo no dia-a-dia igual a qualquer outra raça autóctone.

Dormem no campo, correm todo o tipo de cercas e parem sem problemas. Em termos de cuidados, trazemos as ovelhas paridas para uma zona perto do monte, depois de parirem, por causa dos predadores que, infelizmente, abundam nestes locais mais naturalizados. Permanecem alguns dias nesse espaço seguro e, depois, regressam ao campo com as crias durante o dia, sendo recolhidas à noite.

Como avalia a prolificidade e a qualidades materna das linhas francesas?

As ovelhas Suffolk da linha francesa são bastante prolíficas, com 1,6 borregos por ovelha, e com borregos entre os 2 kg e os 4 kg ao nascimento. Esta importante característica de esqueletos mais finos ao nascimento está necessariamente associada à facilidade de parto, de onde resulta também uma maior vitalidade depois do nascimento, associada a animais que não demoram muito a nascer, o que, como se sabe, é sempre um momento determinante.

Em termos de qualidades maternas, as ovelhas Suffolk são muito protetoras e boas leiteiras, alimentando facilmente dois borregos, por vezes três, sem necessitar de ajuda, como acontece todos os anos na minha exploração.

Que resultados apresentam os borregos franceses no ganho de peso, e no peso aos 3 ou 4 meses de vida?

Os borregos Suffolk da linha trabalho (francesa), nascem leves, em resultado da sua estrutura óssea mais fina, mas rapidamente ganham peso, a uma média próxima dos 350 gramas por dia, durante os primeiros meses. O ganho médio diário é um dos valores da raça Suffolk, permitindo um crescimento rápido no início da vida, a rondar os 10 kg por mês. Isto implica que um animal com 3 meses tenha sempre mais de 32 kg, o que é uma enorme vantagem, já que esses três meses são geralmente os meses de inverno ou primavera, de onde resulta um animal completamente formado até ao verão e outono, quando as condições naturais começam a ficar mais exigentes.



Quer partilhar algum resultado prático (peso, taxa de fertilidade, produtividade)?

Na herdade da Fonte Corcho, orientamos o manejo reprodutivo para termos apenas um parto por ano em cada ovelha, em resultado da sazonalidade natural da raça Suffolk. Fazemos dois grupos de cobrição, um ligeiramente antes da época natural de cobrição, tentando que fiquem gestantes ainda em junho, antes dos dias comecem a ficar mais pequenos; e, depois, uma segunda época em julho e agosto, durante a qual as ovelhas se cobrem naturalmente. O objetivo é ter o rebanho dividido em dois grupos de 28 ovelhas cada, que possibilite uma tarefa mais facilitada para os machos Suffolk, uma vez que a sincronização implica que as ovelhas fiquem recetivas num período apertado de 1 ou 2 dias.

Existe alguma particularidade no manejo dessa linha, em comparação com outras raças?

A gestão da raça Suffolk é equivalente à gestão de outras raças ovinas, sendo, contudo, um pouco mais complexa no caso da minha exploração, por produzir reprodutores puros certificados pela Associação Nacional Suffolk. Isto exige a identificação dos borregos após o nascimento com um pequeno brinco, e a realização de pesagens no primeiro dia, décimo (10d), trigésimo (30d), quinquagésimo (50d) e septuagésimo (70d). Esta recolha de dados é importantíssima para conseguir diferenciar os animais e permitir a escolha correta com base em dados zootécnicos. Aliás, é com base nestes dados que é dada a certificação de desmame, que vai de uma estrela a três estrelas, associada ao peso ao nascimento e ao ganho médio diário até aos 70 dias.

Quais foram os principais desafios que enfrentou ao trabalhar com a linha francesa?

O principal desafio tem sido explicar aos criadores de ovelhas que esta linha se adapta facilmente às condições naturais e normais dos rebanhos de produção, em especial em termos de facilidade de parto, já que os borregos nascem pequenos e crescem rapidamente cá fora. Para além disso, os machos têm muita pata para andarem com as ovelhas e isso é fundamental na escolha de um carneiro reprodutor.

A forma mais fácil de convencer os interessados é mostrar a rusticidade

dos animais ao vivo, no campo e fazer com que experimentem um reprodutor Suffolk. Depois é fácil, nunca mais querem outra raça melhoradora, em especial se conseguirem ter uma via que valorize a qualidade da carne, a qual não tem borregum, o que conquista os consumidores de forma surpreendente.

Que ajustes na nutrição ou manejo sanitário foram importantes para obter bons resultados?

A nutrição é a normal, sem grandes diferenças. É favorável a existência de baldes de minerais na exploração, uma vez que a qualidade leiteira das fêmeas exige que não falem minerais para a mãe, e também para os borregos, os quais, por crescerem muito rápido, precisam de minerais que os ajude a crescer saudáveis.

Como é que o mercado vê o borrego Suffolk francês?

O mercado do Suffolk linha trabalho (francês) está a começar a crescer. A raça Suffolk em Portugal tinha efetivos pequenos e essa dimensão dificultava o fornecimento de reprodutores para o rebanho nacional, que como se sabe supera os dois milhões de ovelhas. É, contudo, a melhor raça melhoradora para a produção de borregos de corte, porque os rebanhos estão saturados de linhas mediterrânicas. O vigor híbrido que se persegue no cruzamento é muito mais evidente usando uma raça com ascendentes nas ilhas britânicas e, por isso, geneticamente mais distantes da genética que se usa, repetidamente, em Portugal há décadas.

Há valorização comercial específica para animais dessa linha?

Sim, há muita procura para reprodutores Suffolk de linha francesa, em especial para machos, já que a capacidade diferenciadora na produção faz toda a diferença e é facilmente identificável, uma vez que os borregos nascem ligeiramente pintalgados.

Contudo, se um comprador pretender um lote de 10 machos para colocar no seu rebanho, ainda tem de ir a mais de um criador, razão pela qual o crescimento do número de explorações Suffolk com maiores efetivos é importante.

Qual é a sua visão sobre o papel da linha francesa no futuro dos ovinos em Portugal?

A linha Suffolk trabalho (francesa) será uma mais-valia para o futuro da produção

de ovinos em Portugal, uma vez que ainda existe um baixo peso de borregos no abate, o que tem de ser alterado. Não faz sentido que um produtor que crie animais para abate não tenha um borrego com, pelo menos, 30 kg. A ideia de vender os borregos pequenos é um erro, quando existem ferramentas genéticas, como a Suffolk, que facilmente aumentam o peso dos borregos no momento da venda. Obviamente, um borrego pesado não pode valer o mesmo que um borrego leve. Isso tem de ser claro para quem vende — não se pode deixar ir na conversa de que valem todos o mesmo!

O que mais o orgulha no seu rebanho Suffolk francês?

O meu maior orgulho é ter conseguido concretizar um sonho do meu avô, que trouxe do Salão de Agricultura de Paris, no tempo do Estado Novo, um folheto sobre a raça Suffolk que guardava orgulhosamente num livro sobre ovinicultura, como um trunfo escondido de melhoria genética. Atualmente, a raça Suffolk é um ativo nacional, com mais de uma centena de criadores, trazendo a magia da genética para a produção nacional. Importa recordar que um animal geneticamente superior come e tem os mesmos custos que um animal geneticamente medíocre, o que faz da genética uma ferramenta que tem de estar ao dispor de todos os criadores de Portugal.

Que conselho daria a produtores que estão a pensar em investir nessa linha?

O conselho é simples. Uma raça que nasça com facilidade, cresça com rapidez e tenha carne de qualidade nunca pode falhar. A pecuária já é uma atividade suficientemente difícil para não usarmos a raça correta. O consumo de carne de ovino está em ascensão e a produção de ovelhas é cada vez mais uma necessidade no território nacional, uma vez que apenas as ovelhas e as cabras aproveitam uma grande parte do território nacional com eficiência e sem depender da importação de matérias-primas do exterior. Os ruminantes são o segredo para a autossuficiência.

Se pudesse resumir em uma frase a sua experiência com o Suffolk francês, qual seria?

Quem experimenta a linha francesa da raça Suffolk, no campo ou no prato, nunca mais quer outra coisa.



NUNO FORCA

PRODUTOR, MONTE FORCA,
ALMODOVAR

Como começou a sua trajetória com ovinos e, mais especificamente, com a raça Suffolk?

A minha ligação aos ovinos começou quando me mudei para o Alentejo, há 20 anos. Instalei-me neste monte há 13 anos e adquiri as primeiras Suffolk como 'corta-erva'. Iniciei com um pequeno lote de fêmeas do Eng. Carlos Daniel e um macho do Quadrado Filipe, de elevada qualidade. A escolha da raça deve-se ao interesse dos meus filhos pela 'ovelha Xoné' e à rusticidade da linha francesa, que anda todo o ano a campo.

Da sua experiência, quais são as principais diferenças do Suffolk francês em relação a outras linhas?

Não tenho experiência com a linha inglesa. Mas destaco a rusticidade da

linha francesa como elemento diferenciador. E também a facilidade de partos.

O maior porte e a rusticidade fazem diferença no dia-a-dia do manejo?

A rusticidade é, para mim, um elemento fundamental. As minhas ovelhas parem a campo. Na época dos partos, introduzo cães Rafeiro do Alentejo nos grupos de ovelhas, para garantir que o rebanho está protegido dos predadores. Tenho uma taxa de sucesso de 100%.

Como avalia a prolificidade e a qualidades materna das linhas francesas?

Tenho trabalhado a prolificidade no meu rebanho por selecção genética e consegui aumentar significativamente a incidência de partos duplos. O objectivo é chegar aos 90%. As ovelhas de linha francesa são excelentes mães e, desde que bem alimentadas, produzem leite suficiente para criar 2 borregos.

Que resultados apresentam os borregos franceses em ganho de peso e peso aos 3 ou 4 meses de vida?

Tenho vários casos de ganho médio diário acima dos 400g.

Volto a referir a importância de uma boa alimentação. As pastagens no Baixo Alentejo são geralmente muito fracas e durante vários períodos é necessário "ajudar" as nossas ovelhas com bom feno e ração.

Destaca alguma particularidade no manejo?

A linha francesa tem muito bom temperamento. As minhas ovelhas são alimentadas à mão diariamente e isso potencia a docilidade desta linha.

Que ajustes na nutrição ou no manejo sanitário foram importantes para obter bons resultados?

Já referi a importância da necessidade de reforçar a alimentação com feno de

qualidade e ração. E também a vacinação e desparasitação frequentes.

Qual é a sua visão sobre o papel da linha francesa no futuro dos ovinos em Portugal?

Acredito que a linha francesa tem um enorme potencial como melhorador em rebanhos de ovelhas cruzadas, não só pela precocidade e aumento das carcaças, mas também pela incidência de partos duplos.

O que mais o orgulha no seu rebanho Suffolk francês?

Sem dúvida, a homogeneidade e o temperamento do meu rebanho!

Que conselho daria a produtores que estão a pensar em investir nessa linha?

É sempre mais fácil começar com um lote pequeno, mas de qualidade superior.

Se pudesse resumir em uma frase a sua experiência com o Suffolk francês, qual seria?

Selecionar, selecionar, selecionar. O trabalho de um criador nunca está concluído, mas tem sido uma aprendizagem gratificante. ʘ



nutrinova
nutrição animal, S.A.



soluções inovadoras
em nutrição animal

Serviços Laboratoriais

Análise Nutricional
Serviços de Diagnóstico

Produtos

Pré-misturas
Alimentos Complementares

Serviços Técnicos Veterinários

Serviços de Formulação
Assistência Veterinária
Apoio Técnico a Explorações

Qualidade

Controlo de Especificações:

- Matérias-primas
- Pré-misturas
- Alimentos para Animais

Avaliação de Processos de Fabrico:

- Homogeneidade de Misturas
- Avaliação de Contaminações
- Monitorização de Matérias primas
- Monitorização de Alimentos para Animais

NUTRINOVA.PT

